



ATORES ESPECIAIS EM CENA: DEFICIÊNCIA MENTAL E TEATRO NA CONTEMPORANEIDADE

SPECIAL ACTORS IN SCENE: MENTAL DISABILITY AND THEATER IN THE COMTEMPORARY

Solange Leme Ferreira¹

Joana Sanches-Justo²

RESUMO A contemporaneidade é um período marcado principalmente pela compactação do tempo e do espaço, gerando uma nova dinâmica de relações humanas que tendem a se tornar cada vez mais fugazes e supérfluas. Nem mesmo as artes e as pessoas diferentes escapam deste movimento que nos toma e nos envolve na velocidade dos acontecimentos. Este artigo, sempre tendo em vista as transformações contemporâneas, aborda a possibilidade de fazer teatro com pessoas que têm de deficiência mental, numa tentativa de trazer mais qualidade ao relacionamento entre elas e a sociedade em geral.

PALAVRAS-CHAVE: teatro, atores com deficiência mental, contemporaneidade.

ABSTRACT The contemporary period is marked mainly by the compression of time, space, and therefore the human relations tend to become ever more fleeting and superfluous. Even the arts and the different people escape of this current movement, which involves the speed of events. This article, always bearing in mind the contemporary transformations, addresses the opportunity to do theater with people who have mental disability in an attempt to bring more quality to the relationship between them and society in general.

KEY-WORDS: theater, actors with mental disabilities, contemporary.

¹ Psicóloga, docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Assis. Mestre em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos. solpsy@yahoo.com.br

² Psicóloga, docente do departamento de artes visuais da Universidade do Oeste Paulista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Assis. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Assis. Especialista em Discurso e práxis fotográfica pela Universidade Estadual de Londrina. joana_sj@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

Pensando na prática do descarte social e nas pessoas com deficiência mental como sendo *os estranhos* descartados, pensando também na afirmação de Santos (1999) de que a complexidade, descompasso e velocidade do tempo atual abrem espaço para as diferenças e a multiplicidade não apenas da epistemologia, mas também das formas de ser e agir no mundo, propusemos o presente artigo.

Na ciência contemporânea o cientista é integrante do processo de produção de conhecimento, partindo de uma interrogação vai encaminhando seus pensamentos e ações por meio de uma reorganização conceitual e teórica (MORIN, 1997), desenvolvendo idéias de forma argumentativa, apresentando para o debate a sua produção do saber não como valores universalmente inquestionáveis, mas que levam à identificação dos pontos que se apresentam frágeis naquele corpo de conhecimento (FEYRABEND, 1977).

Nesta perspectiva, relataremos alguns aspectos de um trabalho com pessoas que tem a deficiência mental, no qual o teatro é utilizado como uma forma de desenvolvimento pessoal e de transformação social do meio em que se inserem.

Utilizaremos uma linguagem mais livre para as multiplicidades interpretativas que, segundo Zemelman (2006), estimula a motivação para conhecer a realidade, para produzir outros sentidos, ultrapassando e resignificando os conhecimentos já circunscritos sob a formalidade científica.

Pensando a contemporaneidade

A sociedade pós-moderna pode ser situada a partir das transformações das vivências de tempo e espaço, quando surge a idéia de movimento, sob a forma de velocidade e, principalmente, de aceleração perpassando o tempo e o espaço. Nesta dinâmica, para Bauman (1999, 2001), um novo modo de se relacionar com o mundo aparece: os engajamentos duradouros são substituídos por encontros breves, sem compromissos e, principalmente, sem responsabilizações. O desapego tornou-se a ordem do dia e o estabelecimento de compromissos tornou-se sem sentido; o errar ou acertar tornou-se indiferente, diante da efemeridade dos fatos. Experimentamos uma constante mobilidade



que nos deixa nômades, impossibilitados de criar raízes sejam elas espaciais, psicológicas, afetivas ou históricas.

Com as transformações de espaços, de tempo e tecnológicas, enfrentamos um período peculiar em que são alteradas a percepção e a relação com o mundo e com as pessoas. De acordo com Debord (1977), as relações se baseiam agora não mais na sociedade da produção, mas na sociedade do espetáculo, em que a apreensão do mundo se faz por meio de imagens difundidas pelos meios de comunicação em massa, contemplando e consumindo passivamente o que, aparentemente, nos falta em nossa existência real.

As imagens difundidas cotidianamente são consumidas freneticamente na sociedade no espetáculo produzindo a alienação, um processo que aqui pode ser entendido, conforme Žižek (1992), como aquele que imprime ao sujeito a submissão, sem questionamento, às regras sociais, sacrificando sua espontaneidade ou essência de si em favor de uma aparência de si que lhe garanta o estado de pertinência.

Harvey (2000) afirma que com a compressão do espaço e do tempo, com o apego maior às superfícies do que às raízes e com a velocidade das informações, o passado e o futuro perderam suas significações. Estas características da contemporaneidade refletem-se diretamente no tipo e qualidade das relações sociais construídas, as quais, por serem pautadas apenas no tempo presente, tornaram-se extremamente frágeis e fadadas ao descarte.

Berman (1986) também aponta a fragilidade das relações, afirmando que as mesmas se estabelecem em um ambiente desintegrador, onde tudo é efêmero; pensamos mais em economizar tempo do que investir em relações. Parece demasiado longo o tempo despendido para conhecer alguém na fila do cinema, na escola ou no trabalho, por isso recorremos ao *Orkut* e a outros sites de relacionamentos. Na velocidade de alguns cliques do *mouse* podemos enviar um *e-mail*, visualizar fotografias digitais, conversar em salas de bate-papo, assistir videoconferências, visitar museus virtuais e outras tantas possibilidades da informática que tornam nossas ações mais cômodas e instantâneas.

As relações, portanto, se estabelecem em um ambiente desintegrador, onde tudo é efêmero e descartável, pensamos mais em economizar tempo do que investir em relações (BERMAN, 1986).



Parece demasiado longo o tempo despendido para conhecer alguém na fila do cinema, na escola ou no trabalho, por isso recorreremos ao *Orkut* e a outros sites de relacionamentos. Na velocidade de alguns cliques do *mouse* podemos enviar um *e-mail*, visualizar fotografias digitais, conversar em salas de bate-papo, assistir videoconferências, visitar museus virtuais e outras tantas possibilidades da informática que tornam nossas ações mais cômodas e instantâneas.

Segundo Lipovetsky (2005), perderam-se os valores coletivos, o sentido das instituições e organizações sociais, culminando no desinvestimento afetivo e no esvaziamento subjetivo. Touraine (1999) acrescenta que também se perdeu a nitidez da fronteira entre o normal e o patológico, o permitido e o proibido, resultando numa forma de relacionamento social na qual somos iguais somente quando circunscritos na mesma rede globalizante, reproduzindo os mesmos hábitos, e somos diferentes quando não temos nada em comum no que diz respeito às nossas necessidades individuais.

Assim, a questão que nos surge é sobre a possibilidade e a forma de vivermos juntos. Ou seja, é possível combinar a unidade de uma sociedade com a diversidade dos sujeitos que a compõem? Como conseguir essa façanha se nós somos produtos e produtores de uma época de deserção dos valores e finalidades sociais, gerada pela dissolução dos sentidos coletivos e pelo super investimento em si próprio.

Sim, é preciso não esquecer o narcisismo que, apoiado em um sentimento idealizado do mundo e de si, não permite espaço para o desprazer, para a dor, para o que não é belo, para o diferente. Para Costa (2005), fechar-se em um estado narcísico garante que as coisas se mantenham em seu estado; o desejável é o que pode ser sensorialmente experimentado como agradável, prazeroso ou extático; o indesejável é o que não excita ou traz o gozo sensorial esperado. Lipovetski (2005) afirma que a dicotomia do corpo e do espírito se esvaneceu, provocando um novo imaginário social do corpo, no qual a decrepitude física tornou-se uma torpeza.

Para Bauman (1999, 2001), toda sociedade visa, de alguma forma, a beleza e a pureza, conceitos historicamente e sociamente construídos. Para ele, a fim de conservar e tornar compreensível e acolhedor o ambiente circundante, o impuro e o que não é belo devem ser expulsos, fazendo com que a realidade pareça ter coerência e estabilidade. A partir do momento em que os não



belos ou os impuros – chamados por este autor de *estranhos* -, ganham visibilidade social, passam a suscitar a sensação de medo, ameaça, portanto, devem ser descartados para que se restabeleça a ordem.

A deficiência mental na contemporaneidade

Por que a sociedade concebe a deficiência mental como sinônimo de incapacidade, incompetência e trata os indivíduos que a possuem de modo tão inapropriado e excludente?

Nesta época em que as experiências se dão de forma cada vez mais instantânea, os relacionamentos humanos são cada vez mais superficiais e efêmeros, o tempo se encurta, os indivíduos voltados para si distanciam-se cada vez mais de questões coletivas e sociais, bem como a sensação de medo e ameaça suscitada pela presença do desconhecido e do diferente, podem auxiliar na compreensão da situação em que se encontram socialmente as pessoas com deficiência mental.

O déficit cognitivo das pessoas com deficiência mental seguramente não é o único fator determinante da qualidade de sua forma de ser e estar no mundo. Por ser a deficiência mental um fenômeno socialmente construído (OMOTE, 1999), esta condição é resultado da interação de vários componentes, tais como os apontados por Ferreira (2008): o contexto cultural e social - ideologia, concepção, valores -, em que estão inseridos; a sua aparência, tão valorizada na contemporaneidade; e o seu estado psicológico, quase sempre caracterizado por sentimentos e comportamentos reveladores de sua auto percepção de inferioridade, impotência e dependência, decorrentes do descrédito e exclusão social a que são submetidos.

Além disso, a ausência de informações fidedignas a respeito das reais possibilidades e limitações presentes na deficiência mental é também exacerbadora das dificuldades enfrentadas pelas pessoas com esta condição. O raciocínio para compreender este processo é bastante simples: sem informações apropriadas, forma-se uma concepção irreal da deficiência mental que, por sua vez, favorece uma percepção social distorcida sobre as pessoas com esta condição. Esta forma de percepção acarreta baixa expectativa concernente ao potencial das mesmas, bem como o seu



descrédito e exclusão social, resultando em que pouco ou nada é feito para que se contrariem as expectativas desfavoráveis a seu respeito.

Todos estes fatores fazem com que, embora as pessoas com deficiência mental já não vivam mais escondidas em suas residências ou enclausuradas em hospitais, ainda assim a sua condição é, na grande maioria das vezes, de invisibilidade, de exclusão. Trata-se de uma realidade consuetudinária com a contemporaneidade que provoca e incentiva a falta de reflexão perante a vida e perante os outros. Para reverter este quadro de esvaziamento subjetivo e distanciamento da vivência coletiva é necessário um lento e minucioso trabalho.

Para aprender a lidar com pessoas que têm deficiência mental, a sentir emoções positivas no contato com as mesmas, e assumir que suprir as necessidades geradas pela condição deficiência do outro é uma responsabilidade de todos nós, não existem regras infalíveis que ensinem. Certamente existem diferentes modos de construir formas particulares e bem sucedidas de “agir e reagir” frente a essas pessoas.

Um desses modos seria aquele voltado à desconstrução das equivocadas concepções, atitudes e reações referentes à deficiência mental, por meio de ações que buscassem propiciar informações, reflexões e o contato com pessoas em tal condição, na intenção de alterar o “espetáculo” até então disseminado pelas imagens e pelos aparentes contatos da sociedade com esta população.

No entanto, de nada adiantarão as informações que não extrapolem as palavras; há que haver o contato “olho-no-olho”, o ouvido atento, o toque, enfim, a proximidade dos envolvidos na relação entre as pessoas com e sem a deficiência mental. Isso é imprescindível, pois, embora possuam certa limitação cognitiva, são estas que conhecem, com profundidade e realismo, os aspectos relevantes de suas existências, seus sentimentos e ressentimentos, seus anseios e ideais, suas habilidades e limitações. Ou seja, elas têm muito a nos ensinar e, então, quando aprendermos, poderemos nos tornar um mediador da sua qualidade de vida (leia-se: felicidade), empreendendo ações voltadas à humanização da convivência entre as mesmas e a sociedade do espetáculo em geral. Neste sentido, propiciar informações e contatos com a deficiência mental é incitar a busca do sentido para as devidas transformações subjetivas e sociais neste âmbito, assim rompendo com o esvaziamento



relacional cotidiano contemporâneo, neste caso específico, aquele existente para com as pessoas deficientes mentais.

A despeito de todas estas considerações, de nada adiantaria educar a sociedade para essa questão se as pessoas com a deficiência mental não se apresentarem aptas em suas relações interpessoais. É preciso também que estas sejam trabalhadas para o aprimoramento de suas habilidades e posturas pessoais e sociais, tais como a adequada expressão verbal, facial, gestual e corporal, a disciplina, a autoconfiança, a autonomia, a solidariedade, a assertividade e a busca constante de conhecimento e avaliação dos textos e contextos à sua volta.

Além disso, ainda que prepare as habilidades e posturas pessoais e sociais das pessoas com deficiência mental, que propicie informações e o contato das mesmas com a sociedade, um trabalho desta natureza não estaria completo. É necessário lidar também com os sentimentos das pessoas em geral em relação ao deficiente mental, pois, tanto a concepção sobre a sua condição, como a percepção formada para considerar um indivíduo como tal, são permeados pelas sensações (conhecimento imediato que mobiliza a emoção) e emoções (reações desencadeadas pelas sensações) produzidas no outro sem essa deficiência.

Pensando em todos os fatores que interagem para determinar o lugar social do deficiente mental as relações humanas que com ele são estabelecidas, é possível depreender a necessidade de novos sentidos (percepções que socialmente elaboramos) e de uma nova leitura do mundo, pois de acordo com Spink e Frezza (1999), a nossa interação em comunidade é direcionada pelo sentido que atribuímos às nossas vivências e práticas cotidianas e pela leitura que fazemos do mundo.

Enfim, se além de sua aparente funcionalidade, todo conjunto social possui um forte componente de sentimentos vividos em comum (MAFFESOLI, 1998, p. 24), se, conforme este autor, cada indivíduo é um microcosmo, cristalização e expressão do macrocosmo geral (p.15), é chegada o momento de cada um de nós rompermos com o estado comum de apatia e descaso frente ao deficiente mental. Por isso, pensamos numa forma de trabalho que fosse ensejo a uma experiência de reflexão e mobilização para a transformação da realidade vivenciada pelas pessoas que tem a deficiência mental. Então, nasceu a idéia de um trabalho de teatro com atores com esta condição especial.



O teatro como estratégia de transformação social

O teatro – tradicionalmente um lugar de cultura e intelectualização –, é um espaço que pode oportunizar ao espectador a reformulação de seus pré-conceitos e concepções já sedimentadas. Por meio do espetáculo teatral pode ser possível mobilizar o espectador para sair de sua imobilização frente as questões que atravessem o eu narcísico; ao contemplar a performance teatral, ele pode sair desta alienação e se deixar envolver por sensações e emoções quase sempre encobertas, não questionadas e não refletidas na contemporaneidade. Frente a estas premissas parece ser viável depreender a possibilidade de o espetáculo cênico, então, sair do palco e atravessar as nossas próprias existências.

Segundo Boal (1996), pelo teatro o ser humano pode observar a si mesmo, perceber o que é e onde está, descobrir o que não é e onde não está, e imaginar o que poderá vir a ser e onde poderá ir. Neste sentido, há autores (Gripp, 199_; Boal, 1996; Ferreira, 2002; Ferreira e Arragon, 2005) que tem relatado suas experiências, construídas passo-a-passo, utilizando o teatro como estratégia para estabelecer uma desejável simbiose entre pessoas sem e com a deficiência mental, que enseja a estas últimas expressar não apenas suas habilidades e limitações, mas também sua subjetividade como seres únicos que são.

Além de possibilitar aos atores trabalhar dificuldades pessoais e sociais, bem como oportunizar o seu contato próximo com os espectadores, o teatro também é uma eficiente estratégia de educação da sociedade a respeito do outro diferente. Ao ser sobremaneira mobilizado pelo espetáculo teatral, o espectador tem revelado a reflexão, a necessidade de informar-se sobre o deficiente mental, o desejo de compreendê-lo melhor, enfim, de modificar a sua postura pré-conceitual. Assim, é provável que gradualmente vá se estabelecendo uma parceria de entendimento íntimo, respeito mútuo e civilidade, necessária à desconstrução da sociedade do espetáculo, dando lugar, então, à sociedade inclusiva – aquela mais justa e feliz para todos.

Frente a estas considerações, em 1997 foi criado um grupo de teatro para atores com deficiência mental. Até 2008 a experiência se deu sob a forma de projeto de extensão universitária; a



partir de então, vem sendo desenvolvido de forma independente da universidade, e apresentado em eventos culturais e científicos para os quais é convidado.

Atores especiais em cena

Conforme afirmam Ferreira e Arragon (2005) é indispensável propiciar oportunidades para que as pessoas com deficiência mental aprendam a manifestar apropriadamente a sua subjetividade: pensamentos (concepções, percepções, necessidades e expectativas) e sentimentos (sensações e emoções). Trata-se de uma aprendizagem indispensável para não sejam mais alvos de inconsistentes julgamentos e represálias sociais, o que lhes acarreta relacionamentos interpessoais ainda mais limitados, permeados de mecanismos de defesa lesivos e de preconceitos camuflados, que sobrepujam verdadeiro potencial destes seres.

Por isso, neste grupo de teatro para atores especiais, todos os textos cênicos são idealizados e construídos pelos próprios integrantes, como uma forma de cada um levar ao palco pequenos fragmentos reais de suas, que em nada diferem daqueles de nossas vidas. Este processo se desenvolve em encontros semanais denominados de laboratórios de teatro, cabendo ao coordenador do grupo a função de lapidar o material em construção por meio da interlocução constante com os respectivos autores, até que todo o grupo considere finalizada cada produção: uma cena, uma sonoplastia, um cenário, um texto, entre outros.

Em cena, com singularidade, dificuldade e tenacidade, os atores com deficiência mental têm a oportunidade de expressar toda a variedade de emoções que compõem a arte de viver; com sensibilidade, liberdade e cumplicidade entre os pares, eles transcendem o preconceito, numa situação prazerosa propiciada aos espectadores nos 50 minutos de cada espetáculo teatral.

Passados os momentos iniciais de cada apresentação, quando a expectativa ainda era a de um espetáculo “bonitinho” feito por deficientes mentais, amiúde considerados tão diferentes, a cena na platéia também vai se modificando. Os espectadores aos poucos vão modificando as posições em suas cadeiras, numa aparência de quem estivesse vivenciando a diminuição do ritmo cotidiano e assumindo um posicionamento mais contemplativo e mais reflexivo. Nesta postura mais atenta,



então, podem emergir as descobertas ou, melhor dizendo, as constatações sobre seres que compartilham os mesmos atributos pessoais e vivenciais de qualquer ser humano, embora com determinadas limitações decorrentes de sua condição.

A “descoberta in loco” das reais potencialidades e limitações do deficiente mental, oportunizada pelo espetáculo teatral, é algo que os espectadores sempre acabam por expressar após as encenações. É nesta ocasião que cada espectador percebe a indiferença a que são submetidas as pessoas com deficiência mental na sua incessante busca pela realização do sonho mais simples: a felicidade. Melhor que isso, num exercício mental, cada espectador poderá identificar-se como um ator social no papel de encenar oportunidades que levem às pessoas com deficiência mental a ocupar, com igualdade, os palcos do espetáculo maior que é a vida. Neste papel, também poderá transmitir o que descobriu às demais pessoas de sua relação, gradativamente construindo uma rede progressiva de informações decisivas para desvelar e desmitificar a deficiência mental.

O espetáculo teatral ao mesmo tempo em que incita a reflexão e esclarece os espectadores sobre a deficiência mental, também propicia aos jovens e adultos com esta condição vivenciar situações de erros e acertos, analisar e readequar seus modos de manifestar-se no mundo e as respectivas conseqüências de suas condutas para si e para o outro.

Por estar presente a limitação cognitiva determinada pela deficiência mental, o teatro tem sido estratégico ao refinar e favorecer a exteriorização de formas de expressão de seus estados subjetivos e as emoções decorrentes, conteúdos estes muitas vezes negados por outras vias de acesso e ignorados pela maioria das pessoas. Ao poder explicitamente falar de si no teatro, os atores deficientes mentais têm podido se revelar muito além das possibilidades preconizadas por uma sociedade desinformada, ou seja, muito além das expectativas determinadas pela sociedade do espetáculo – a sociedade das aparências.

Conclusões

Com as transformações do tempo e espaço na contemporaneidade, acarretando a velocidade e aceleração perpassando nossas vivências, a efemeridade dos fatos, o modo desengajado de se relacionar com o mundo, a indiferença quanto ao erro ou acerto de nossas posturas e o desapego



ditando a ordem do dia, tudo isso tem nos limitado para criar raízes, principalmente afetivas e de compromissos em nossas relações com o outro.

Quando este outro diferente é o deficiente mental, as inadequações são ainda maiores. Quando acontecem, os relacionamentos sociais se dão de forma instantânea e superficial, seja porque as pessoas sem a deficiência estão cada vez mais voltadas para si, refratárias às questões coletivas e sociais, seja pela sensação de medo e ameaça suscitada por uma aparência não bela, imperfeita, enfim, quase sempre diferente do deficiente mental.

No entanto, é possível alterar este quadro de indisponibilidade temporal e subjetiva para a reflexão e ação acerca deste outro diferente e que, por isso mesmo, é alijado a uma condição de invisibilidade e exclusão social.

Vivermos juntos, sendo iguais em identificações culturais e diferentes em necessidades individuais, requer a desconstrução das concepções impróprias que atravessam as diversidades e a construção de novos posicionamentos éticos e morais, processos naturais de qualquer transformação social. Esta, por sua vez, é uma expressão desprovida de sentido se não considerarmos que as ações envolvidas devem ser uma ofensiva permanente à realidade que se pretende alterar, de modo a criar relações humanas mais favoráveis ao reconhecimento da sociedade com o deficiente mental.

Refletir e aprender a conviver com as diferenças, posicionando-se em contracorrente a uma época de aceleração, instantaneidade e superficialidade dos relacionamentos, parece-nos um caminho para a almejada transformação social da realidade vivenciada pelas pessoas com deficiência mental.

Neste sentido, o teatro tem sido um modo atrativo de informação e contato, pelo qual os atores com deficiência mental podem exteriorizar a sua singularidade, sentimentos, limitações, necessidades e competência. Cada espetáculo encenado é uma oportunidade para que estas pessoas revelem diversos significados de sua existência, muito além das aparências com que geralmente são percebidas na sociedade contemporânea – a sociedade do espetáculo –, assim favorecendo a reconstrução da equívoca relação entre deficiência mental incompetência social.



REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. O Sobre a redistribuição pós-moderna do sexo: a História da sexualidade, de Foucault, revisitada. In: BAUMAN, Z. *O Mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 177-189
- BAUMAN, Z. Tempo/espaço. In: BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 p. 07-21
- BERMAN, M. *Tudo que sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOAL, A. *O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- COSTA, J.F. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- DÉBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Ebooksbrasil, 2003. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>. Acesso em: 16 jan 2011.
- FERREIRA, S.L. (Org.) *Teatro e deficiência mental: a arte na superação de nossos limites*. São Paulo: Memnon, 2002.
- FERREIRA, S. L.; ARRAGON, J. Fazendo “arte” com a deficiência mental na Psicologia. In: *Máthesis: Revista de Educação*. Jandaia do Sul: FAFIJAN - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jandaia do Sul, v.6, n.2, 2005, p. 103-122.
- FERREIRA, S. L. Expressão de estados subjetivos e a otimização de relacionamentos interpessoais: contribuições do teatro para jovens e adultos com deficiência intelectual. *3º Seminário Nacional sobre Educação e Inclusão Social de Pessoas com Necessidades Especiais*. UNFRN. CD ROM, 9 p. , set. 2008.



FEYRABEND, P. *Contra o método. Esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento. Against Method.* Tradução de Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1977 (1975).

GRIPP, R.E.; VASCONCELLOS, C.N. *Um teatro muito especial.* Brasília: Comitê de Defesa dos Direitos da Criança/ Sociedade Brasileira de Pediatria/Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, (199_).

HARVEY, D. *Condição Pós-moderna.* São Paulo: Loyola, 2000.

LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo.* São Paulo: Manole, 2005.

MAFFESOLI, M. A comunidade emocional. Argumentos de uma pesquisa. In: MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998, p. 13-43.

MORIN, E. Diálogo da ordem e da desordem. In: MORIN, E. *Método I: a natureza da natureza.* Tradução: Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Publicações Europa-América Ltda, 1997, p. 74-107.

OMOTE, S. Deficiência: da diferença ao desvio. In: MANZINI, E.J.; BRANCATTI, P. R. (Orgs.) *Educação especial e estigma: corporeidade, sexualidade e expressão artística.* Marília: UNESP, 1999, p. 3-21.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências.* Porto: Edições Afrontamento, 1999 (1987), 11ª ed.

SPINK, M. J.; FREZZA, R. M.. Práticas Discursivas e Produção de Sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, M. J. (Org.). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.* São Paulo: Cortez, 1999, p. 17-39.

TOURAINÉ, A. A desmodernização. In: TOURAINÉ, A. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes.* Tradução: Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 29-67.



ZEMELMAN, H. Sujeito e sentido: considerações sobre a vinculação do sujeito ao conhecimento que constrói. In: Santos, B. S. *Conhecimento decente para uma vida prudente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 457-468.

ŽIŽEK, S. O choque e suas repercussões. In: ŽIŽEK, S. *Eles não Sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 35-56.